

## Projeto 28

Gênero e território no sul da Bahia

Cód/Nome	28 - Gênero e território no sul da Bahia
Orientador	Ana Carneiro Cerqueira
Campus	CSC
Area	Atividades acadêmicas (ensino/pesquisa/extensão) - ÊNFASE NA PESQUISA
Vagas	2
Email	anacarcer@gmail.com

### Resumo do Projeto.

Partindo de uma abordagem antropológica em diálogo transdisciplinar com a filosofia, a psicologia e outras áreas das humanidades, propomos a investigação das questões de gênero em diversos processos de territorialização e desterritorialização no sul da Bahia. Entendendo as noções de “gênero” e “território” como formas específicas de classificação, diferenciação e hierarquização sociocultural e cosmológica, damos especial atenção às narrativas sobre o corpo e a casa (definindo lógicas, classificações e elaborações ligadas à criação e reprodução de pessoas e lugares). Este tema ganha especial importância em um contexto de pandemia, onde as práticas de cuidado do corpo e da casa revelam-se centrais para os problemas da sociedade. As possibilidades de contextualização sociocultural a partir deste recorte conceitual são inúmeras: quilombolas, indígenas, travestis, agricultores familiares, feministas, adeptos do candomblé, marisqueiras e jovens vítimas de violência obstétrica são as coletividades com as quais o projeto já dialogou, através dos planos de trabalho dos bolsistas, nos últimos três anos. Trabalhamos para responder às questões: como as relações de gênero produzem o e são produzidas pelo território? Como as diferenciações de gênero atuam nas configurações, tensões, disputas e alianças sociais e políticas que conformam um território?

#### Atividades dos bolsistas

Levantamento e leitura de bibliografia; trabalho de campo e/ou entrevistas remotas; participação no grupo de estudos do projeto com as/os demais estudantes; prática de escrita; conversas com orientadora.

#### Atividades semanais

A cada semana, uma ou mais dessas atividades será ou serão desenvolvidas pelo bolsista: levantamento e leitura de bibliografia; trabalho de campo, participação no grupo de estudos do projeto; prática de escrita.

### 1. Introdução/Apresentação:

Entendemos que a perspectiva de gênero aciona princípios lógicos de distinção e hierarquização culturalmente definidos. Por outro lado, sabemos que as organizações sociais mobilizadas em torno da luta por direitos territoriais estabelecem outros princípios distintivos (por exemplo, Oliveira, 1999 e Almeida, 2008). Estes, por sua vez, cruzam-se com os primeiros, formando configurações específicas, em um processo contínuo de desterritorialização e reterritorialização (Deleuze e Guattari, 1995 [1980]). A antiga história de povoamento e contato intercultural no sul da Bahia expressa-se assim em uma diversidade de existências coletivas, em situação de resistência à constante expropriações em favor do desenvolvimento de monoculturas de larga escala, turismo predatório, indústria da pesca e outros empreendimentos capitalistas. Ao lidar diretamente com esse contexto empírico, este projeto beneficiará estudantes e docentes envolvidos na graduação e pós-graduação, intensificando as relações entre as atividades acadêmicas e os atores sociais existentes fora dos muros da universidade. O projeto estimulará a construção de uma agenda de pesquisa conjunta, reunindo interesses de diversas esferas da realidade social na qual UFSB está inserida e buscando, através do viés etnográfico da antropologia, um diálogo entre variadas áreas das humanidades.

### 2. Justificativa:

Se o despertar político de qualquer formação coletiva é moldado por vínculos sociais que o pré-existem, a perspectiva de gênero deverá nos possibilitar um viés interessante na compreensão das relações de poder internas e externas às coletividades engajadas na defesa de seus territórios. Optamos pelo diálogo com os estudos de gênero porque entendemos, à luz de Marilyn Strathern (1988), que eles apresentam a vantagem analítica de questionar os modelos instituídos de dominação social, como sugerem também os estudos da chamada crítica feminista (Butler, 2003; Haraway, 1985, entre outras). Buscaremos então explorar as possibilidades analíticas oferecidas pela perspectiva de gênero sobre os territórios físicos e existenciais de comunidades específicas (por ex., Conceição, 2017; Machado, 2014; Piscitelli, 2014; Sardenberg, 2015; Souza, 2008). Nos estudos rurais e de etnologia indígena, a problemática de gênero tem sido encarada, predominantemente, pelo viés da complementaridade entre o masculino e o feminino, em que o segundo estaria inevitavelmente subordinado ao primeiro, como expressão da dominação patriarcal que se encerraria em uma totalidade fechada: a casa (em oposição ao roçado e à rua) (Heredia, 1979; Segalen, 1980). Essa imagem, entretanto, vem sendo alterada, em parte, por mudanças empírica nos próprios modos de reprodução do campesinato (cf. Carneiro, 1994; Castro, 2006; Lasmar, 2008; Moraes, 2013; Paulilo, 2009; Seraguza, 2017). Sem negar as estruturas de dominação patriarcal, pretendemos observar neste projeto a abertura da intimidade da casa (e de seus cuidados sobre o corpo) para o lhe é externo: o trabalho na terra, o comércio, as instituições, a vida pública. Investigamos, assim, conexões e continuidades entre as práticas femininas cotidianas e a ação política entendida de modo ampliado.

### 3. Objetivo Geral:

Através da pesquisa bibliográfica e, se possível, etnográfica, com especial atenção às narrativas envolvendo as concepções nativas do corpo, aprofundar a reflexão sobre os

conceitos de gênero e território, entendidos como formas determinadas de diferenciação social e cultural.

### 3.1 Objetivos Específicos:

1 - Aprimorar as práticas e os conhecimentos metodológicos da etnografia; 2 – Desenvolver as técnicas da escrita acadêmica; 3 - Investigar as questões como: qual a relação entre gênero e ação coletiva? Como as coletividades em defesa do território podem ser lidas pela lógica de gênero?; O que as narrativas femininas sobre o corpo (definindo lógicas, classificações e elaborações ligadas à reprodução e criação de pessoas) têm a nos ensinar sobre modos de existência coletiva e suas lutas políticas?

### 4. Metodologia:

Partiremos da formação disciplinar da Antropologia para buscar relações com outros campos de conhecimento. Esta articulação será realizada em torno de três eixos temáticos: gênero; território; relações de poder. Para isto, começaremos com levantamento e leitura de bibliografia voltada aos três temas. Em seguida, buscaremos levantar o que vem sendo produzido sobre o contexto etnográfico específico a cada plano de trabalho, de acordo com a escolha de pesquisa da/o bolsista. A leitura da bibliografia dará as bases para a etapa de trabalho de campo para coleta do material empírico observado e da escuta e registro das narrativas sobre o corpo, sendo esta etapa seguida pela transcrição das narrativas, sistematização dos dados observados e registrados em diário de campo. A escolha do campo de pesquisa por parte da/o bolsista será feita a partir de conversas com a orientadora, considerando os aspectos vocacionais da/o bolsista; a viabilidade logística diante da pandemia; o interesse teórico na contribuição ao debate proposto pelo projeto. Todas as etapas terão orientação e compartilhamento constante das docentes e discentes envolvidas no projeto, tanto através de encontros regulares, quanto por meio de acompanhamentos em tarefas específicas. Será ainda imprescindível estabelecer uma relação dialógica, livremente consentida por parte do grupo pesquisado, com um vínculo colaborativo e respeitoso entre pesquisadoras/es e atores sociais do universo de pesquisa, conforme os pressupostos éticos estabelecidos pela Associação Brasileira de Antropologia.

### 5. Resultados Esperados:

1- Será feitas a análise escrita da consolidação dos resultados. 2 - Será realizada a 1ª versão da escrita de um artigo em conjunto, buscando oferecer à/ao(s) bolsista(s) a oportunidade de ensino-aprendizagem sobre técnicas e regras da pesquisa e escrita acadêmica, bem como dos efeitos da produção de conhecimento para a realidade estudada.

### 6. Referências:

ALMEIDA, Alfredo Wagner. 2008. Introdução. In: Terra de quilombo, terras indígenas, babaçuais livre, castanhais do povo, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. BUTLER, Judith. 2003. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. CARNEIRO, Maria José. 2001. Herança e gênero entre agricultores familiares. Em: Revista Estudos Feministas, 55, n. 1. CASTRO, Elisa Guaraná de. 2006. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias. Em: WOORTMANN, Ellen; HEREDIA, Beatriz; MENASCHE, Renata. (orgs.). 2006. Coletânea Margarida Alves. Estudos Rurais e Gênero I. Brasília: MDA, IICA. COMERFORD, John. 2003. Como uma família. Rio de Janeiro: Redume-Dumará/ Nuap. CONCEIÇÃO, Nádia dos Santos da. 2017. Cultura, saúde e meio ambiente: percepções de mulheres da comunidade de Acupe – Santo Amaro (BA) –

sobre poluição. Salvador: UFBA/Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (Dissertação de mestrado). DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs. São Paulo: Ed.34. 1995 [1980]. GONTIJO, Fabiano; TOTA, Martinho; LOPES, Moises Alessandro de Souza; FERNANDES, Estevão. 2016. Diversidade sexual e de gênero em áreas rurais, contextos interioranos e/ou situações etnicamente diferenciadas. Novos Descentramentos em outras axialidades - Apresentação. ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 3, n. 5. HARAWAY, Donna. 1985. A manifesto for cyborg: Science, technology and socialista feminism in the 1980s. Em: Socialist Review, 80. HEREDIA, Beatriz M. Alásia. 1979. Casa-Roçado. In. A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra. MACHADO, Lia Zanotta. "Interfaces e deslocamentos: feminismos, direitos, sexualidades e antropologia". In: Cadernos pagu (42), janeiro-junho de 2014:13-46. NASCIMENTO, Silvana de Souza. 2014. Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba. Revista de Antropologia, São Paulo, vol. 57, n. 2. OLIVEIRA, João Pacheco de. 1999. A viagem de volta. Etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa. PAULILO, Maria Ignez. 2009. Movimentos das mulheres agricultoras e os muitos sentidos da igualdade de gênero. Em: FERNANDES, B.; MEDEIROS, L.; PAULILO, Maria I. (orgs.). Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas: a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: EDUNESP, Brasília: NEAD. PERUTTI, Daniela. 2017. Políticas do território e territórios da política em uma família quilombola de Goiás. no prelo. PISCITELLI, Adriana. "Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil". In: Cadernos pagu (42), janeiro-junho de 2014:159-199. SARDENBERG, Cecília M. B. "Caleidoscópios de gênero: Gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais". In: Revista Mediações, 2015. SOUZA, Eric Ferreira Souza. 2008. Errância dos desejos: Territórios e sujeitos marginais no centro da cidade do Salvador. Salvador: UFBA/Programa de Pós-Graduação NEIM/UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. STEFANOWITSCH, A. Corpus Linguistics: A guide to the methodology. Versão preliminar. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Último acesso em: 12 abr. 2019. STRATHERN, Marilyn, 1988. The gender of the gift.